

Solidariedade internacionalista proletária na perspectiva latinoamericana

*Pedro Castro**

Este texto é um extrato de trabalho mais amplo que elaboramos, envolvendo a análise da solidariedade internacionalista capitalista e proletária no mundo. No caso desta versão restringimo-nos à solidariedade internacionalista proletária com ilustrações de referenciais particulares aos contextos latino americano e brasileiro.

Solidariedade

Inicialmente afigura-se oportuno registrar idéias, repercussões e ocorrências do processo que diz respeito à questão da solidariedade no contexto latino americano, desde as suas primeiras raízes. Com efeito, preliminarmente, parece relevante resgatar os registros de Vamireh Chacon, no capítulo sobre *Bolívar e o Bolívarismo*, do seu livro sobre *Abreu e Lima-General de Bolívar* (1), como se seguem:

“Mas o ‘cavaleiro errante da liberdade de um mundo novo’, como o define Veríssimo, ‘foi enganado pela própria realidade’. Era um império fragmentável e não uma República unitária como ele sonhara, aquele universo vindo da Venezuela à Colômbia, istmo de Panamá, Equador, Peru e Bolívia, com ecos na Argentina e Chile de José San Martín e O’Higgins, seus admiradores, a quem nunca negou ajuda, decisiva em alguns momentos. Fazendo-o merecer o título de Libertador da América do Sul, não só da Grã-Colômbia...”

Mais adiante,]

“Por tudo isso há uma corrente hispanoamericana que declara Simon Bolívar ‘o pai das esquerdas liberais’, partindo exatamente do seu dilema, conscientizado no Diário de Bucaramanga, quando o Libertador reconhece que não podia governar com a Constituição desacreditada, nem queria dar ele mesmo um Código Provisório, equivalente a proclamar-se ditador, o que não o interessava.”

E, ainda,

“Antes de desembarcar de volta, após o fracasso da sua expedição com Francisco de Miranda, lançou um manifesto de Kingston, em 1815, sob o título de ‘Carta de Jamaica’, no qual proclamava sua decisão de libertar toda a América Espanhola analisando-a, colônia por colônia, com vistas a países independentes e confederados, concluindo: ‘eu desejo mais que qualquer outro ver formar na América a maior nação do mundo, menos por sua extensão e riquezas do que por sua liberdade e glória’. Chega a propor a capital no Istmo do Panamá, não ainda um Estado se separando da Colômbia, antes preferindo um país só até a Guatemala, idéia depois retomada por Francisco Morazán, tentando implantá-la como Presidente duas vezes sucessivamente de Honduras, uma de El Salvador e outra de Costa Rica, além de libertar a Guatemala”...”Era um nacionalismo continental o seu, muito maior que o do princípio das nacionalidades na Europa após sua morte. Chegou a convidar o Brasil para o Congresso Anfictiônico do Panamá em 1826... É bem verdade que a idéia da Magna Colômbia, como a chama Arturo Andado, era antiga, Francisco de Miranda andou chamando-a de Colombeia, Colombea e até Columbia,

aplicando-a na pratica à 'Grã-Colômbia', reunindo Venezuela, Equador e Colômbia propriamente dita, mas na teoria projetando-se do México à Terra do Fogo, passando pelo Caribe, segundo suas repetidas palavras. Incluindo eventualmente o próprio Brasil...".

Finalmente, em outro trecho deste mesmo livro, Vamireh Chacon (1) registra:

"O General José Inácio de Abreu e Lima desempenha um papel menor, na Historia oficial do Brasil, por conta de pioneirismos mal compreendidos, apesar de Silvio Romero e outros terem proclamado a importância das suas contribuições. Mas seu nome realça entre 'os próceres da Grã-Colômbia – reunião da Venezuela, Colômbia e Equador sonhada por Simon Bolívar – ao lado de quem combateu nas principais batalhas da independência... No Brasil, Abreu começou como liberal radical, transformando-se lentamente, pelas decepções num liberal moderado clássico e ao fim da vida em simpatizante do socialismo utópico".

Em seguida, alinhemos o registro de Pedro Pablo Roriguez (2), em um dos seus capítulos do seu livro sobre a obra e a vida de José Martí, ao afirmar que, ainda na segunda metade do século XIX,

"os elementos estudados mostram, indubitavelmente, que a permanência no berço da liberdade latino americana, ao lado do pai Bolívar, aprofundou o espírito patriótico latino americano do revolucionário cubano. Assim, é compreensível que, no final de 1881, tenha escrito, referindo-se à Venezuela: 'ali onde pus minhas esperanças, e as perdi, deixei o melhor de minha vida'. E suas esperanças, sua obra fundadora, implicam já, então, ao que tudo indica, na realização das transformações sociais e econômicas em dois sentidos principais: a superação do atraso e a eliminação das abismais desigualdades sociais, problemas não resolvidos pela reforma liberal guzmancista. Portanto, cabe afirmar que, desde então, fica claro na elaboração de seu programa revolucionário que este deve ultrapassar os limites do liberalismo. Para dizê-lo com palavras de hoje (1987): com a permanência em Caracas, Martí encarou a necessidade, para a América latina, de alcançar um desenvolvimento próprio, nacional, independente e equilibrado em termos sociais. Desde então, seu pensamento rumou firmemente no sentido da compreensão de que seria necessário romper os vínculos de deformação e de dependência com os países de elevado desenvolvimento industrial capitalista, em um processo que daria formosos e saborosos frutos alguns anos mais tarde, quando esboçasse seu projeto de república nova que, a partir de Cuba, seria o exemplo e modelo a ser seguido pela América Latina. E talvez por esse indubitável sentido de amadurecimento para seu pensamento, só conservou as lembranças das ternuras venezuelanas".

Não menos significativas nessa garimpagem das raízes históricas das atuais perspectivas da solidariedade no âmbito latino americano são os registros de Leila Escorsim (3), em seu livro sobre Mariategui. Primeiramente, quando, já aproximado da orientação política de frente única oficializada pelo II Congresso da Internacional Comunista (1921), mas também mais referido à realidade peruana, dizia Mariategui, em 1924:

"O movimento classista, entre nós, ainda é muito incipiente, muito limitado, para que pensemos em fracioná-lo e dividi-lo. Antes que chegue a hora, talvez, inevitável de uma divisão, cabe-nos a realização de muita coisa em comum, muito trabalho solidário. Temos que empreender juntos muitas e largas jornadas".

Mais adiante, em 1927 (já mais próximo também da perspectiva latino americana propugnada pela III Internacional Comunista, com a qual terá posteriormente também divergências), ele dirá

“a consciência de classe expressa-se em solidariedade com todas reivindicações fundamentais da classe trabalhadora. E expressa-se ademais, em disciplina. Não há solidariedade sem disciplina. Nenhuma grande obra humana é possível sem a mais profunda vinculação, levada até ao sacrifício dos homens que pretendem realizá-la”.

E também que

“eu, por meu lado, trabalho para que o movimento de renovação peruano se oriente para o socialismo (...) Recomendo-lhe considerar atentamente o programa da APRA (Aliança Popular Revolucionaria Americana, liderada por Haya de La Torre e cujo programa defendia a Unidade política da América Latina em ação contra o imperialismo yanque, (com a qual Mariategui terá inicialmente laços fortes e depois gradativamente rompidos). Penso, de minha parte, que nos cabe participar na sua ação sem renunciar a organização de um movimento mais especificamente peruano”.

Parece relevante também resgatar aqui algo da experiência prática e razoavelmente teorizada mais recente sobre a solidariedade a Cuba, referida igualmente ao âmbito latino americano. Dado que sobre esta parte da questão da solidariedade já existe algum acúmulo de material escrito originário de vários países e de varias entidades e autores reconhecidamente destacados internacionalmente, alinhemos resumidamente algumas idéias ou informações contidas nesses materiais. Inicialmente, por diversas formas de expressão da solidariedade a Cuba, há manifestações ostensivas de entidades do mundo inteiro como o Encontro Internacional de Partidos Comunistas (71 partidos), realizado em Atenas, em 2003, as Brigadas Européias, uma Conferência Sindical Européia (com representantes de 20 países), Caravanas de Cidadãos estadunidenses, Cimeiras Ibero Americanas, Partidos Comunistas de vários países, com especial alusão aos da Alemanha, da França (notadamente em suas festas anuais do jornal *L'Humanité*) e de Portugal, Juventude Comunista Portuguesa, Associação de Amizade Portugal-Cuba Associação de Amizade Angola-Cuba, Conselho Internacional de Solidariedade e Amizade ao Povo Sovético (Canadá), Associação de Amizade Polônia-Cuba, Coordenadoria Galega de Solidariedade a Cuba, Federação Democrática Internacional de Mulheres e Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). Recentemente a Assembléia Geral das Nações Unidas manifestou-se mais uma vez contra o bloqueio econômico exercido pelos Estados Unidos da América contra Cuba há quase 50 anos. Por outro lado, há textos de vários tipos de solidariedade a Cuba, produzidos em diferentes épocas e lugares por grupos de notórias personalidades (a exemplo de um manifesto de cerca de 1.000 intelectuais de todo o mundo), bem como de manifestações Individuais de apoio, pelas mais diferentes formas por pessoas notáveis, entre as quais quatro detentores do Premio Nobel. No tocante especificamente a América Latina, há registros de solidariedade a Cuba por parte também de governos ou ao menos de diversas entidades governamentais da maioria dos países dessa região.

Nesse elenco é possível ainda afirmar que o Brasil exerce papel destacado entre os países da América Latina, em termos da existência histórica e organizada da solidariedade a Cuba (desde o período logo após a tomada do poder político pelos revolucionários de Sierra Maestra, em 1959), com os então denominados Comitês de Solidariedade a Cuba, representada por entidades em quase todos os estados do país, inclusive com mais de uma em alguns deles, com predominância atualmente para as denominadas Associação José Martí. Em termos de objeto, mais recentemente, essa vasta teia de solidariedade a Cuba, notadamente nos países da América Latina, tem-se expressado basicamente tanto na continuidade da condenação ao bloqueio estadunidense à nação cubana, quanto mais particularmente contra a prisão e condenação e pela libertação de cinco cubanos acusados injusta e ilegalmente nos Estados Unidos da América como terroristas, atualmente encarcerados naquele país, não obstante os recursos judiciais interpostos no sentido da revisão das sentenças até então prevaletentes.

Sobre a solidariedade latino americana mais recente, desta vasta e complexa rede de solidariedade envolvendo Cuba é possível igualmente destacar alguns pontos chaves do outro lado desse processo, no tocante à solidariedade de Cuba com outros países ou movimentos voltados para uma sociedade mais justa ou no mínimo menos injusta.

Uma primeira ilustração pode ser feita, segundo o registro de Emiliano José, em seu livro intitulado *Carlos Marighela* (4)

“de 31 de julho a 10 de agosto de 1967, realizou-se em Cuba, a Conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), com o objetivo de articular a ação revolucionária no continente latino americano (Um ano antes, lá realizara-se a Tricontinental, reunião de representantes dos principais movimentos e governos anti imperialistas da Ásia, África e América Latina, então com ênfase na solidariedade ao povo vietnamita, em luta contra os norte americanos). Os cubanos acharam importante promover a OLAS, como forma de concentrar esforços no estímulo à revolução latino-americana. Isolados, sabiam que as dificuldades seriam enormes, mesmo com o apoio econômico da URSS. Sabiam que era preciso que os EUA tivessem de se preocupar com outros países, eventualmente com guerrilhas bem articuladas, que se dispunham a incrementar. A URSS, no entanto, não apoiava iniciativas que visassem promover revoluções no mundo, decisão que vinha desde o fim da Segunda Guerra e que era cumprida rigorosamente. Naturalmente o Partido Comunista Brasileiro (PCB), ligado à URSS, obedecia tal diretriz. Então, participar de uma reunião como essa poderia parecer provocação. Marighela não pensou duas vezes: foi. Afinal, a OLAS reunia-se sob um lema que o apaixonava – ‘O dever de todo revolucionário é fazer a revolução’. Tal palavra de ordem era uma forma de os cubanos criticarem o imobilismo e o burocratismo dos partidos comunistas latino americanos, todos guardando uma atitude reverencial diante da União Soviética, ou seja, evitando qualquer radicalização, preferindo sempre, mesmo nas piores condições, ficar nos limites institucionais”.

E mais adiante,

“Marighela, a partir da OLAS, vai assumir teoricamente a importância da revolução latino americana, vai insistir na necessidade de articulação dos diversos movimentos guerrilheiros do continente, embora não chegue a ter tempo de levar tal concepção à prática”.

Outra fonte são particularmente os discursos ou textos do Comandante Fidel Castro, por ocasião da realização, sobretudo em Cuba dos Encontros Internacionais de Solidariedade a este país, similares ao realizado recentemente em Quito, Ecuador. Este é caso, também das entrevistas recentemente concedidas por Fidel Castro ao jornalista francês Ignácio Ramonet, divulgada nos textos intitulados *Cien Horas com Fidel* (5) Com efeito, nesta inicialmente, Fidel, após arrolar uma série de ações desenvolvidas por Cuba em solidariedade a pelo menos nove países da África, a partir de 1959 e a países como Afeganistão, além de tentativas de ajuda solidária até às vítimas de recente furacão nos EUA, revela que mais recentemente a ajuda cubana a outros países, povos ou movimentos tem-se ampliado principalmente no campo da medicina além do da educação notadamente a básica. A Guatemala foram enviados 700 médicos e médicas do contingente denominado “Henry Reeve” que, somados aos cerca de 300 que já estavam naquele país, somaram os mil médicos que ajudaram no combate a uma das maiores tragédias naturais, A maior talvez ocorrida ali, onde permaneceram durante meses.

Atualmente, Cuba, está presente também no campo da medicina e da educação numa ação

de enorme reciprocidade de solidariedade com a Venezuela. Além disso dispõe de 40 mil médicos em seu país, conta com mais 30 mil médicos no exterior e possui hoje mais 25 mil jovens estudando medicina neste país, em sua grande parte estrangeiros. Em dez anos o governo cubano espera contar com 100 mil médicos, além de ter formado outros 100 mil procedentes de outros países. Cuba considera-se o maior formador de médicos do mundo, atualmente. Para o Comandante Fidel *“chegarão mais pessoas a conhecer, além das praias de Cuba, o desenvolvimento social, as conquistas sociais deste país. Segundo ele, um país pequeno como é, seria capaz de fornecer o pessoal que necessitariam as Nações Unidas para a campanha que imaginou o seu ex-Secretário Geral para liquidar a AIDS na África. Hoje isso não se poderia fazer sem os médicos cubanos. Europa e EUA não reúnem os mil médicos que cheguem onde estes alcançam. No presente só na África estão 3 mil médicos cubanos, ensinando certa satisfação a este país que sofre um bloqueio há mais de quarenta anos e teve de enfrentar o que ficou conhecido como período especial, de bastante maiores sacrifícios. Desapareceu a União das Republicas Soviéticas e Cuba ficou quase só, mas não vacilou. E o país continuou a resistir e avançar, inclusive na consciência de que as idéias defendidas por seus atuais dirigentes, já faz tempo, são as idéias da grande maioria do seu povo.”*

Internacionalismo

Inicialmente convém observar, que algumas resoluções dos Congressos da III Internacional, a denominada Internacional Comunista (fundada em 1918), registradas no texto de Lenin (6) aqui resgatado, ensejaram razoável mudança na influencia da União Soviética sobre a condução dos processos da luta pelo socialismo em todo o mundo, tendo em vista sobretudo as orientações dessa Internacional. Primeiramente porque elas se baseavam na convicção de que o reconhecimento verbal do internacionalismo e sua substituição, em toda propaganda, agitação e trabalho prático, pelo nacionalismo e pacifismo pequeno burgueses estaria sendo o fenômeno mais comum não apenas entre os partidos predominantes na II Internacional, como também entre os que teriam abandonado esta organização, embora continuassem chamando-se comunistas. Em segundo lugar, porque estabeleciam que o internacionalismo proletário exigiria que os países mais atrasados deveriam ter presente as seguintes necessidades: a) que todos os partidos comunistas ajudassem ao movimento burguês de libertação em tais países; b) a de luta contra o clero e demais elementos reacionários e medievais; c) a de luta contra o panislamismo e outras correntes semelhantes; d) a de apoio especialmente ao movimento camponês contra os latifundiários, contra a grande propriedade e contra toda manifestação ou reminiscência do feudalismo; e) a de combater com decisão a tendência a tingir de cor comunista as correntes libertadoras democráticas burguesas; e f) a de explicar e denunciar frente às grandes massas trabalhadores o engano a que recorriam de modo sistemático as potências imperialistas que criavam Estados independentes no terreno político, mas completamente dependentes no terreno econômico. E, em terceiro lugar, pelos efeitos das três idéias fundamentais aprovadas em seu II Congresso, bastante diferentes da II Internacional, a primeira das quais estabelecia a distinção entre nações oprimidas e nações opressoras. Esta, combinada com as segunda e terceira, que estabeleciam a divisão dos mundos (capitalista e socialista) e se centravam na questão do movimento democrático burguês nos países atrasados, resultavam em estratégia e táticas bastante peculiares no que era considerado combate ao ‘revisionismo’ e ao ‘oportunismo’ nesses países, com conseqüências notórias na nova aplicação dos princípios internacionalistas a partir dali, em praticamente todo o mundo.

Sobre o internacionalismo proletário na esfera do contexto latino americano, numa perspectiva histórica, talvez também seja possível dizer que as idéias e ações de lutadores considerados libertadores como Francisco de Miranda, Simon Bolívar, Bernardo O’Higgins, San Martín ou generais bolivarianos como o General brasileiro Abreu e Lima apenas resvalaram por uma espécie de germinação de um internacionalismo mais apropriadamente denominado de “nacionalismo continental” com suas propostas da Grã Colômbia ou conjunções de territórios ainda mais amplas do que esta, nesta parte do continente americano.

Outro resgate pode ser o do pensamento de José Martí, pioneiro de uma concepção revolucionária de caráter continental, ao menos rumo a uma abordagem internacionalista que ao menos incorporava o caráter humanista proletário já então defendido por Marx. Com efeito, no livro de Pedro Pablo Rodriguez aqui já invocado (7) está o registro de que

“José Martí dizia conhecer a Europa e ter estudado seu espírito; de que conhecia a América e também sabia o seu. Para ele havia mais elementos naturais nas ‘nossas terras’, desde onde corria o Bravo orgulhoso até onde acabava o digno Chile, do que em qualquer terra do Universo; mas tínhamos menos elementos civilizadores porque éramos mais jovens em história, não contávamos com precedentes seculares éramos, os latino americanos, menos afortunados em educação do que qualquer outro povo. Por outro lado, o autor chama a intenção para o fato de que Martí não era anti estadunidense, mas sem dúvida anti imperialista. E para este povo, que também chamava ora de um só país, ora de nossos países (nossa América ou a América Espanhola) e seus aliados estadunidenses ele propugnava tanto o resgate do que restava de honra da América Latina, quanto tudo que se ansiava e necessitava saber para o desenvolvimento desta terra.

Outro pensador a ser resgatado nesta garimpagem é José Carlos Mariategui, o Aumata, este já nitidamente internacionalista, no sentido mais amplo do termo. No livro de Leila Escorsim (8) aqui também já recorrido estão os registros de algumas de suas relevantes idéias relacionadas ao processo revolucionário peruano e mundial. Primeiro quando ele afirma que a revolução social, internacionalista em seus princípios, opera-se com uma coordenação muito mais disciplinada e intensa dos partidos proletários e que o capitalismo encontrava-se em seu estado imperialista. Era o capitalismo dos monopólios, do capital financeiro, das guerras imperialistas pelo açambarcamento dos mercados e das fontes de matérias primas. Segundo ele, a práxis do socialismo marxista, neste período, era a do marxismo leninismo, este era considerado o método revolucionário da etapa do imperialismo e dos monopólios e o Partido Socialista do Peru adotava-o como seu método de luta. Para Mariategui uma das tarefas fundamentais dos Partidos Comunistas da América Latina era impedir os interesseiros desvios que as burguesias pretendiam imprimir à solução do problema racial, bem como o dever de acentuar o caráter econômico-social das lutas das massas índias ou negras exploradas, combatendo os preconceitos raciais e dando-lhes uma clara consciência de classe, orientando-as para suas reivindicações concretas e revolucionárias, afastando-as das soluções utópicas e evidenciando a sua identidade com os proletários mestiços e brancos, como elementos de uma mesma classe social produtora e explorada.

Outro autor que vale a pena ser resgatado em termos de suas idéias sobre o internacionalismo proletário é Che Guevara. Com efeito, em 1961 (9), em texto sobre o papel histórico de Cuba, na luta anti-colonialista, este autor, tratando dos países então conhecidos como subdesenvolvidos, dizia que eram países de economia distorcida pela ação imperialista, que desenvolvera anormalmente os ramos industriais ou agrícolas para completar a sua complexa economia. Para ele, à medida que se acirravam as grandes contradições do sistema e, constantemente à mercê das variações cíclicas de sua economia, criava-se o que era dominador comum dos povos da América, que ele preferia designar em letras maiúsculas como a FOME DO POVO. Dizia também que era importante esclarecer sobre as possibilidades efetivas que tinha a América dependente de se libertar de forma pacífica. Para ele era clara a solução desta dúvida. O momento, então, para Guevara, poderia ser ou não o indicado para iniciar a luta, mas entendia que não deveríamos iludir-nos, nem tínhamos o direito a isso, de conseguir a liberdade sem combate. E tais combates não seriam meras lutas de rua, de pedras contra gases lacrimogêneos, nem de greves gerais pacíficas. Nem seria a luta de um povo enfurecido que destruísse em dois ou três dias o edifício repressivo das oligarquias governantes. Seria, a seu ver, uma longa e sangrenta luta, em cuja frente estariam os refúgios guerrilheiros, nas cidades, nas casas dos combatentes – em que a repressão iria procurando vítimas

fáceis entre os seus familiares -, na população camponesa massacrada, nas aldeias ou cidades destruídas pelo bombardeamento inimigo. Guevara também tinha claro que o começo não seria fácil, que seria extraordinariamente difícil. Toda a capacidade de repressão, toda a capacidade de brutalidade e demagogia das oligarquias por-se-iam ao serviço de sua causa. A missão, o grande ensinamento da invencibilidade da guerrilha que se liga às massas dos usurpados, a galvanização do espírito nacional é a preparação para tarefas mais duras, para resistir a repressões mais violentas. O ódio, como fator de luta, o ódio intransigente ao inimigo, que impulsionaria para além das limitações naturais do ser humano e o converteria numa efetiva, violenta, seletiva e fria máquina de matar. Para ele os soldados esta luta teria de ser assim, porque um povo sem ódio não pode triunfar sobre um inimigo brutal.

Por outro lado, Fidel Castro, em outro trecho do *Cien Horas con Fidel* (10), respondendo a pergunta de Ignacio Ramonet sobre a contemporaneidade ou não da luta armada atualmente na América Latina respondeu que ninguém pode assegurar que se vão produzir mudanças revolucionárias na América Latina atualmente. Porém ninguém pode assegurar tampouco que não se produzirão, em qualquer momento, em um ou vários países. Segundo ele, ao analisar-se a situação econômica e social em alguns países, não se pode ter a menor dúvida de que se trata de uma situação explosiva. O índice de mortalidade infantil está, por exemplo, 65 por mil nascidos vivos em vários desses países, enquanto este índice em Cuba é de apenas 6,5. Em países da América Latina morrem dez mais crianças, em média, quando comparados com Cuba. A desnutrição em certos casos de mais de 40% da população, o analfabetismo e semi analfabetismo seguem sendo demasiado altos, o desemprego afeta a dezenas de milhões de cidadãos adultos nesta parte da América e existe também o problema das crianças abandonadas, que somam milhões. Se para tais problemas não se encontram soluções urgentes, pode ocorrer mais de uma revolução na América Latina, quando menos imaginem os Estados Unidos da América.

Finalmente, Eric Hobsbawm (11), em entrevista recente ao jornal Folha de São Paulo, no Brasil, diz que a América Latina é uma parte do continente americano onde é possível acompanhar desde que a natureza foi dominada e as pessoas se estabeleceram até a rápida modernização industrial e da sociedade ao mesmo tempo. Segundo ele, algo que em outros lugares levaria gerações nesta parte do mundo acontece de modo muito acelerado. Como exemplo diz que visitou o Brasil fazia 40 anos e que no presente observa que o país mudou dramaticamente. Acrescenta que o que mais lhe impressiona hoje é perceber que antes ele considerava 40 anos um tempo muito longo na história e agora sabe que cabe numa vida humana e que para um historiador a América latina e um país como o Brasil são lugares onde se poderia acompanhar um processo inteiro, no qual continuaria um mistério porque, apesar de seu grande potencial, a América Latina teria permanecido à margem da história ocidental e ainda continua, situação na qual está entrando no século XXI.

Conclusões

Desde a época dos Simon Bolívar e Abreu e Lima, são decorridos mais de 200 anos da história da América Latina. Ao longo desse período as antigas colônias inicialmente da Espanha, Portugal e Inglaterra e depois também dos Estados Unidos da América, tem experimentado muitas transformações que vão dos regimes imperiais monárquicos, até as repúblicas atuais. Em seus processos de expansão, à exceção de Cuba, que viveu e vive uma revolução socialista, os demais países dessa parte do continente americano também passaram por processos de independência política, mantendo os marcos do da dependência econômica e dos sistema econômico e regime político capitalistas.

No tocante aos fenômenos aqui resumidamente examinados, da solidariedade e do internacionalismo proletário, é possível constatar alguns aspectos significativos, no plano da história desses povos e de alguns dos principais protagonistas e pensadores sobre ela, a saber:

- a) No âmbito mundial houve transformações bastante mais profundas e contundentes da história da humanidade, na medida em que o mundo até o final da década de 1980, depois das duas guerras mundiais, chegou a registrar a coexistência de 2/3 de países capitalistas e 1/3 de países socialistas;
- b) No âmbito latino americano a região começou a experimentar os primeiros passos de emergência dos processos de solidariedade e internacionalismo proletário mesmo antes do advento da primeira revolução socialista dos nossos tempos, a da Rússia, que resultou na existência da ex União das Republicas Socialistas Soviéticas. Por outro lado, as primeiras consolidações iniciais desses dois processos ocorreram quase simultaneamente ao surgimento das internacionais, sobretudo a partir da III, considerada pelos seus criadores a Internacional Comunista.
- c) Não obstante o processo de expansão capitalista desta parte do continente, no bojo do qual também se desenvolvia o processo peculiar da revolução cubana, foi gradativamente adquirindo suas singularidades, entre as quais na maioria dos países da região a intermitência de regimes políticos ditatoriais com regimes constitucionais legitimados por eleições.
- d) Paralelamente a solidariedade e o internacionalismo proletário sofreram influências ponderáveis das internacionais que representavam sobretudo os países socialistas e os partidos comunistas delas integrantes e ao mesmo tempo da presença na região da revolução cubana, que passou a capitanear em grande medida o curso das orientações no sentido da busca de superação da realidade neo colonialista dessa parte do continente com vistas à derrocada do capitalismo e a implantação do regime socialista.
- e) O impacto dessa confluência das repercussões do processo internacional mais amplo e do processo cubano foi diferenciado em relação a cada país da região, individualmente, efeitos que permanecem até os dias atuais. No conjunto de toda a região as propostas iniciais de uma prática solidária e internacionalista mais referida às nações, com reflexos na concepção de uma independização, em relação basicamente aos EUA, sobretudo após sua fase imperialista diziam respeito mais a uma região em torno do que foi concebido como a Grã-Colômbia, absorvendo no máximo alguns outros poucos países (Panamá, Peru e Bolívia, por exemplo) mais do que a tríade inicial de Venezuela, Colômbia e Ecuador, até atingir a chamada então América espanhola. Enquanto o Brasil, por exemplo, era considerado como mera possibilidade de inclusão, ao mesmo tempo que a perspectiva socialista, embora também emergente nesse cenário com a revolução cubana, tem permanecido na maioria dos países como mera cogitação eventual e secundária.
- g) As distintas formas de luta, na região também foram alvo de influências poderosas das inflexões das políticas e orientações tanto das diretrizes das internacionais mundiais quanto das ações e concepções diferentes da revolução cubana, além de condicionadas igualmente pelas características peculiares de cada país dessa parte latino americana do continente.
- h) Finalmente, a configuração do arcabouço dos sistemas de solidariedade internacionalista proletária no âmbito do cenário latinoamericano, em razão tanto das influências simultâneas das internacionais mundiais como da revolução cubana quanto das performances internas a cada país ou sub-região desse contexto, inicialmente com referenciais mais pontualizados, passou por um período mais nuclearmente direcionada, a partir daqueles dois centros irradiadores de suas tendências com nuances de mudanças no tempo e, por último, mais recentemente afigura-se como mais descentralizado e simultaneamente mais dispersa e atomizada, além de ter os alvos da solidariedade igualmente mais diversificados.

** Professor Aposentado e Militar Estadual da Reserva*

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1) - CHACON, Vamireh, “*Abreu e Lima – General de Bolívar*”, Ed. Paz e Terra, Brasil, 1983, pgs. 125/150
- 2) - RODRIGUEZ, Pedro Pablo, “*Martí e as Duas Américas*”, Ed. Expressão Popular, SP, Brasil, 2006, pgs. 199/299
- 3) - ESCORSIM, Leila, *Mariategui, Vida e Obra*, Ed. Expressão Popular, SP, Brasil, 2006, pgs. 241 e 244
- 4) - JOSÉ, Emiliano, “*Carlos Marighella*”, Ed. Casa Amarela Ltda., SP, Brasil, 1997, pgs. 219/220
- 5) - RAMONET, Ignácio, *Cien Horas con Fidel*”, Ed. Juventude Rebelde, La Habana, Cuba, 2007, cap. 15
- 6) - LENIN, V.I., *Obras Escogidas*, Tomo XI, Ed. Progreso, Moscú, 1977, pgs. 166/197
- 7) RODRIGUEZ, Pedro Pablo, op.cit., pgs. 128
- 8) - ESCORSIM, Leila, op. cit., pg. 266
- (9) - GUEVARA, Che, *Textos Políticos*, Centro Editorial Latino Americano, SP, Brasil, 1980, pgs. 123/124
- (10) - RAMONET, Ignácio, op. cit., cap. 15
- (11)- HOBBSAWM , Eric, entrevista concedida à jornalista Sylvia Colombo, in *Jornal Folha de São Paulo, Caderno Mais*, SP, Brasil, 30/09/2007

RESUMO

Resgate de registros históricos de fatos e idéias de alguns autores em torno dos processos de solidariedade internacionalista proletária, com referencias particulares aos contextos latino americano e brasileiro.

Trata-se de anotações ou resumo analítico de testemunhos dos processos históricos de desenvolvimento das ações de agencias, movimentos e personalidades significativas, envolvendo os fenômenos da solidariedade e internacionalismo proletários nos países da região, relativos ao período de cerca de 200 anos, ou algumas de suas formas de manifestação representadas pelo fenômeno do bolivarismo, passando por processos vividos e/ou refletidos por autores como Simon Bolívar, José Martí e , finalmente, Carlos Marighela, Che Guevara e Fidel Castro, entre outros.

Conclui-se pela indicação de conexões gerais e particulares no desenvolvimento dos fenômenos analisado, bem como de transformações de configuração ocorridas no processo sumariamente examinado até os dias atuais.